



**CELSO JACOB SIMON**

**A HISTÓRIA SOB MEDIDA: Memórias de um alfaiate em Chapecó.**

CHAPECÓ 2021

**CELSO JACOB SIMON**

**A HISTÓRIA SOB MEDIDA: Memórias de um alfaiate em Chapecó**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do título de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

CHAPECÓ  
2021

**CELSO JACOB SIMON**

**A HISTÓRIA SOB MEDIDA: Memórias de um alfaiate em Chapecó**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 11/05/21

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda - UFFS

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino - UFFS

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Vicente Neves Ribeiro – UFFS

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e saúde para chegar até esse momento, com muita fé, coragem e persistência. Agradeço por ter colocado em meu caminho pessoas que me auxiliaram nesta caminhada.

Agradeço a minha família, em especial a minha esposa, pela paciência e apoio nessa caminhada, que na minha idade não é fácil. Os desafios foram grandes, porém ela esteve sempre ao meu lado me encorajando a seguir em frente. Agradeço aos meus filhos, Cedenir, Marcos e Júlio, por me incentivarem a voltar aos estudos e realizar o meu grande sonho de cursar o Ensino Superior. Não conseguiria chegar até aqui sem o apoio dos meus familiares, incluindo a minha nora Vanessa, que sempre quando necessário me auxiliou nesta jornada.

Agradeço aos amigos que a Universidade me proporcionou nesta longa caminhada, não foram poucos, não vou citar nomes para não esquecer de ninguém, mas não posso deixar de mencioná-los, pois também tiveram grande importância nessa trajetória. Pois com eles, os desafios foram mais amenos, tive muitos momentos de diversão e aprendizagem. Agradeço a todos pelo carinho e respeito que me dedicaram.

E por último, e não menos importante, agradeço a todos os mestres que fizeram parte desse caminho e com quem aprendi muito. Em especial ao meu orientador Antonio Miranda, pelos ensinamentos, por acreditar, incentivar e apoiar esta caminhada. Pela paciência que me dedicou e por não desistir do meu sonho. Obrigado a todos, um grande abraço!

## **RESUMO**

O presente trabalho pesquisou a história da profissão de alfaiate, e como ela se modificou no decorrer dos anos. No primeiro momento fizemos um breve histórico sobre o início da profissão, e como ela se tornou importante no passado. E como com a chegada da produção de confecção em série, ela se transformou em uma profissão de pouco valor. Para compreender essas mudanças, relatei aqui a minha história como alfaiate, as dificuldades de precisar garantir o sustento da família com uma profissão desvalorizada pela produção industrial.

## **ABSTRACT**

The present work investigated the history of the tailor profession, and how it has changed over the years. At first we made a brief history about the beginning of the profession, and how it has become important in the past. And as with the arrival of the series production it has become a profession of little value. In order to understand these changes, I related here my story as a tailor, the difficulties of needing to guarantee the support of the family with a profession devalued by industrial production.

## SUMÁRIO

<b>1 – Introdução.....</b>	<b>07</b>
<b>2 – Capítulo I – O Alfaiate na História.....</b>	<b>08</b>
<b>3 – Capítulo II – Memórias de um Alfaiate.....</b>	<b>13</b>
<b>4 – Considerações Finais.....</b>	<b>17</b>
<b>5 – Referências.....</b>	<b>18</b>

## INTRODUÇÃO

Contarei aqui como a profissão de alfaiate entrou na minha vida e como precisei driblar as dificuldades que surgiram ao longo dos anos para manter-me nela.

Optei por um texto autobiográfico, pois foi a maneira que consegui trazer para a história a minha experiência de vida, bem como a importância do alfaiate na história do oeste de Santa Catarina.

Escritos sobre o ato de coser, ou seja, da alfaiataria, datam desde o início do século XVI, como aponta Juliana Barbosa (2017), ao longo desses anos a alfaiataria foi sofrendo alterações, econômicas e sociais e também transformando grupos de pessoas que estavam relacionados com o ofício, seja na produção ou na utilização dos produtos costurados.

A profissão de alfaiate mantém o passado e o presente sob medida, pois ao longo dos anos o ofício de alfaiate foi perdendo espaço para as grandes confecções. Porém, hoje ainda existem alfaiates que teimam em continuar com essa profissão, que através dos tempos se tornou uma atividade difícil, que corre o risco de extinguir-se. Pois não existem mais escolas ou mestres que ensinem e também pessoas que sintam o gosto por esta atividade.

Por isso, pretendo também neste trabalho apresentar uma história de Chapecó vista por um alfaiate. Durante décadas, essa profissão vestiu a sociedade chapecoense, de modo artístico. Assim, o ofício de coser é parte da memória do município de Chapecó e também daqueles que aprenderam o ofício e preservaram para que outras pessoas pudessem apreciar essa profissão que é difícil e exige muita paciência, tornando ela uma arte. Uma vez que, nos dias atuais, essa prática não é mais tão comum quanto era há algumas décadas.

O trabalho está dividido em dois capítulos: O primeiro, a partir de fontes historiográficas, trata de um breve histórico da profissão de alfaiate no mundo ocidental e, também, discorre sobre a chegada dos primeiros alfaiates na região Oeste e em Chapecó.

No segundo capítulo apresento um texto autobiográfico no qual discorro sobre minha trajetória de vida e como a profissão de alfaiate me acompanha desde meus quatorze anos de vida.

## CAPÍTULO I: O ALFAIATE NA HISTÓRIA

“O único homem que eu conheço que se comporta sensatamente é meu alfaiate; ele toma minhas medidas novamente a cada vez que ele me vê. O resto continua com suas velhas medidas e espera que eu me encaixe nelas”. George Bernard Shaw

A palavra alfaiate, conhecida na língua portuguesa, é derivada do árabe al khayyat, do verbo khata que significa coser. Trata-se de uma das profissões mais antigas do mundo. A profissão de alfaiate exige tempo, paciência e perseverança, pois é uma atividade de muita criatividade que vai desde o momento da produção, da escolha dos materiais e nos estilos das peças. (CASTRO, 2009, p. 11).

As mulheres provavelmente foram as primeiras a confeccionarem as roupas na sociedade, produzindo peças para os familiares e quando sobrava tempo, costurando para seus vizinhos e depois veio os costureiros denominados alfaiates, que começaram a fazer roupas, somente para os homens.

A primeira publicação que fazia referência a profissão de alfaiate foi em 1589, do alfaiate espanhol Juan Alcego. Nessa época, havia a necessidade de se produzir peças de vestimentas para homens, que de certa forma precisavam se vestir bem, buscando criar uma imagem de poder simbólico por trás de cada peça em que estava utilizando, como alternativa para se destacar dos demais.

Para ter esse espaço de poder, com as peças de roupas, era necessário que alguém se dedicasse a esse ofício, esses profissionais que começaram a aparecer e a compor, ou seja, a vestir uma certa camada social específica da época.

Uma das cortes conhecidas por seu luxo, lugar de poder e produção de prestígio entre a nobreza, era na França. No período de 1675, um grupo de costureiros solicitou ao rei Luiz XVI permissão para formar uma guilda de alfaiates femininos para fornecer a confecção de roupas ao público feminino da época, começando assim a produzir roupas para as mulheres. (SILVA, 2005)

A partir disso, a profissão começou a ser destaque na sociedade e também um ofício que demandava tempo e especificidade de aprendizado, não se tornando uma atividade comum, sendo que os alfaiates tinham que ter um lugar de prestígio, pois ele vestia o rei, a nobreza, e com o passar dos anos, a elite e as autoridades.

As roupas tem uma linguagem própria, que não correspondem à verbal. Elas tem permitido, há séculos, a comunicação entre os humanos, sempre mudando o seu significado, tendo a faculdade de transmitir informação a



Para se tornar um profissional na área de alfaiataria, o aprendizado durava entre 3 a 6 anos, até o *status* final de alfaiate. Esse tempo de formação durou até meados do século XX. Enquanto que o ingresso dos aprendizes girava em torno de treze anos de idade, com exceção daqueles que tinham a oportunidade de iniciar as atividades com nove anos de idade.

Muitos alfaiates tinham medo de transformar um de seus aprendizes em um concorrente seu. Isso também era um dos motivos de não haver um grande número de profissionais na área. Muitos destes alfaiates já levaram seu conhecimento para o túmulo, por medo de ter um concorrente que pudesse produzir peças como as suas e, em consequência, tomar seu lugar de prestígio da sociedade em que estava inserido.

Essas peças de roupas eram feitas de forma manual, artesanalmente e se mostrava diferente das roupas que utilizamos no nosso dia-dia, pois se trata de roupas únicas, ou seja, não são produzidas em larga escala de produção como nos padrões industriais.

O ofício de alfaiate chegou ao Brasil por meio de imigrantes europeus durante o período de imigração, a qual passou o território brasileiro, décadas após seu período colonial de exportação, uma vez que esses imigrantes que aqui chegaram, já dominavam esta arte de costurar.

Não se pode afirmar com exatidão quem foi o primeiro profissional de alfaiataria que esteve em terreno brasileiro, mas podemos ressaltar que foi a partir das primeiras décadas do século XX, que começou a chegar pessoas que sabiam sobre o ofício. Isso tornou, o que hoje denominamos de Brasil, um receptor desta profissão a partir de meados da década de 1930.

Quando trabalhamos com o tema imigração, por mais que não seja o objeto principal deste estudo, é sempre importante destacar quais foram os personagens, que trouxeram o ofício da alfaiataria para o oeste catarinense. Os primeiros profissionais do alfaiate, eram imigrantes europeus, que vieram, juntamente com suas famílias, para o sul do Brasil.

Os imigrantes oriundos da Europa, que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, com o passar do tempo, com o aumento da família e a possibilidade de um caminho para desbravar novas terras, procuraram novas terras, por mais que já possuíssem no Rio Grande do Sul. Os colonos vindos do Rio Grande do Sul, com muitos filhos, tinham a necessidade de adquirir uma boa extensão de terras para que, no futuro, seus filhos pudessem também trabalhar e prover seu futuro.

Colonos descendentes de italianos instalados em fins do século XIX no Rio Grande do Sul foram atraídos para o oeste de Santa Catarina através de uma colonização orientada para valorizar as terras regionais e dinamizar a economia agrícola em processo de expansão (VICENZI, 2008, p.36).

Mas isto também gerou uma grande consequência, o afastamento dos nativos. Em primeiro lugar os índios que já habitavam esta região e, em segundo lugar, os caboclos que tiveram suas terras tomadas. Ainda sim, os imigrantes tiveram grande importância na colonização do oeste de Santa Catarina, pela sua experiência, que traziam na maioria dos casos, novas culturas e possibilidades sociais. Essas migrações ocorreram pela necessidade de ter uma vida melhor, em aspectos econômicos.

A colonização também foi uma consequência da expansão agrícola do Rio Grande do Sul, assim, a frente de expansão que estava instalada no noroeste gaúcho, foi intensificando seu avanço para o interior de Santa Catarina. Os camponeses eram descendentes de imigrantes Italianos (p.105). Os nativos foram despejados de suas terras. O caboclo era considerado intruso. Quando chegavam os italianos, lhes comunicavam que a terra era deles e eram convidados para sair da terra.

Com a vinda de colonos do Rio Grande do Sul, também se identifica a chegada de muitos profissionais para suprir as necessidades junto das pessoas que estavam se estabelecendo nesta região, um profissional entre outros, era o alfaiate, que logo conseguiu seu espaço na região.

A profissão chegou a Chapecó trazida por pessoas que vinham do Rio Grande do Sul para se estabelecer e desbravar uma região que estava crescendo, para isto também trazia profissionais desta área para atender uma clientela específica da sociedade.

Os alfaiates eram personagens sociais com grande prestígio e destaque, cuja história de vida marcava presença na formação histórica localidades onde residiam alfaiates em Chapecó, através dos imigrantes, em especial, os italianos e alemães e também das pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, onde já havia uma presença maior de alfaiates.

Chegaram em Chapecó, pessoas oriundas do Rio Grande do Sul, a procura de trabalho e ao mesmo tempo começar algum tipo de comércio, porque sentia a necessidade de ter uma vida melhor e também se falava muito bem desta região, principalmente de Chapecó, que começava despontar no Brasil como cidade que teria muito a oferecer para as pessoas que viessem para cá.

O ofício do alfaiate estava ganhando espaço em Chapecó e isso fez com que a profissão e as pessoas que exerciam esta atividade fizessem parte da memória, da história da cidade, então devemos compreender a importância desses alfaiates em Chapecó.

Por isso devemos conhecer a história dos alfaiates em Chapecó, que durante décadas vestiu e veste a sociedade chapecoense com a sua arte. Assim a alfaiataria faz parte da memória do município de Chapecó e também daqueles que aprenderam o ofício na cidade, levando a profissão para que outras pessoas pudessem apreciar.

O alfaiate sempre foi um ofício exclusivamente masculino. Porém em 1675 no reinado de Luiz XIV. “Um grupo de costureiras francesas solicitou com sucesso a permissão para formar uma guilda de alfaiates femininos para confeccionar roupas para mulheres – iriam tornar-se as primeiras modistas” (Hollander, A.,p.88)

Em 1870 foi criado ou inventado a máquina de costura, até aquele momento as costuras eram a mão, já em 1820 foi criada a fita métrica como hoje conhecemos. Antes da criação da fita métrica o alfaiate usava uma fita para cada cliente. Com a invenção da máquina de costura, ocorreu o maior avanço da história da vestimenta, pouco a pouco foram surgindo as primeiras roupas prontas para vestir. Aos poucos foram produzidas em massa, prontas para vestir, com o padrão e design e acabamento como aqueles estabelecidos pela alfaiataria de antes. ( Hollander. A.,p.133.)

Na Europa alguns ofícios como alfaiates, sapateiros e carpinteiros ganharam destaque e por volta da década de 1840 quando começaram a se organizar. No comércio é comum hoje ver um alfaiate fazer parte de uma equipe pelos ajustes necessários em peças do vestuário vendidos na loja.

Os alfaiates se classificam na seguinte forma: Mestre-Alfaiate é o profissional que também pode ser o proprietário do estabelecimento, habilitado quanto às medidas, corte, preparo e ultimação das peças do vestuário; Contra-Mestre profissional que auxilia o Mestre-Alfaiate e se dedica a tirar medidas, fazer moldes, cortar tecidos e provar as peças do vestuário; Ajudante de Contra-Mestre profissional que corta os tecidos, usando moldes, ou sob orientação do Contra-Mestre; Oficial-Alfaiate é o oficial que costura as peças do vestuário; Oficial de Paletó é o oficial que confecciona o paletó completo ou peças a rigor como: Diner-jaque, fraque e casaca; Meio-Oficial é o aprendiz de oficial, que auxilia costurando prensas, fazendo bolsos, enquadrando frentes, ilhargas e mangas; Ajudante é o aprendiz que faz o ponto mole, chuleia, acolchoado entretelas, lapelas e baixo de gola; Coleteiro é o oficial que confecciona todos os tipos de coletes; Calceiro é o oficial que confecciona todos os tipos de calça, inclusive o culote; Acabador é o oficial que faz ombros, golas e prega mangas; Buteiro é o oficial que faz reparos em geral; Passador é o oficial encarregado de passar todas as peças do vestuário; Aprendiz de alfaiate é o elemento que se inicia na profissão.

Como consta que a alfaiataria não era uma tradição familiar, mas com o emprego da mão de obra de negros fez com que surgisse um grande preconceito para com o ofício tornando-o desonroso, com a retração da cafeicultura brasileira, alguns imigrantes e seus descendentes passaram a exercer ofícios ligados à produção do vestuário, já no início do século XX com o crescimento das oficinas alguns alfaiates passaram a se empregar, principalmente os mais jovens. Os alfaiates eram conhecidos pelas suas habilidades porque conseguiam fazer uma peça completa do vestuário. Na verdade a trajetória do ofício da costura durante a primeira metade do século XX implica-se ao espetáculo da cidade em construção onde os costureiros, alfaiates buscavam seu espaço profissional. ( Maleronka, W, p.37.)

A partir de 1870, logo após a invenção da máquina de costura, foram introduzidas as primeiras indústrias de roupas em São Paulo. Os sírios e libaneses começaram a fabricar as roupas que vendiam e por volta de 1940, segundo Maleronka, tinham, em indústrias de roupas feitas, investimentos maiores do que os imigrantes de outras nacionalidades precedidos apenas pelos italianos no sul do país.

Outra contribuição importante ocorreu por conta dos judeus, como muitos deles eram bons artesãos nos países de origem, ao se dedicarem à confecção e comercialização de roupas obtiveram sucesso. Em São Paulo, foi registrado em artigo de 1946 com o título “Roupas feitas”. Com o desenvolvimento das fábricas de roupas feitas na década de 1940, elas se dividiam em dois grupos distintos. O primeiro dedicava-se à confecção em grande escala e situava-se particularmente no Bom Retiro, no bairro da Luz e em algumas regiões do Brás e da Mooca.

Após a Segunda Guerra Mundial, no final dos anos de 1940, os Estados Unidos ocuparam seu lugar, passando a ditar moda e comportamento no país com suas indústrias a todo vapor, já na década de 1950 a moda jovem norte-americana conquistou o mercado e a calça jeans ganhou espaço.

No final dos anos 70, a moda masculina sob medida perdeu espaço para a indústria de peças prontas. A indústria conquistou rápido seu espaço pela praticidade e pelos preços baixos que oferecia de seus produtos feitos em grandes escalas. Mesmo com o avanço das indústrias de roupas prontas, o alfaiate sempre tentou garantir seu espaço com as encomendas de clientes fiéis, que faziam questão de usar ternos bem cortados, com caimento impecável.

No entanto, sem a reciclagem natural e a entrada de novos alfaiates, o segmento que é formado por profissionais com idade avançada está à beira à extinção, pois trata-se também de uma atividade muitas vezes passada de pai para filho. A falta de aprendizes é um fator preocupante para a profissão, pois sinaliza uma provável tendência à extinção da mesma. Porém a qualidade do trabalho de um alfaiate apesar do custo ser mais alto indo de uma pessoa que gosta de um terno bem talhado, por um profissional ou por um encontrado em lojas de roupas prontas.

São diversos os motivos que nos levam a acreditar que a profissão dos alfaiates está prestes a acabar, como um profissional que não se encontra mais atuando uma vez disse: “somos dinossauros a caminho da extinção”. Os alfaiates eram personagens sociais com grande prestígio e destaque na sociedade, cuja história de vida marcava presença na formação histórica das localidades onde residiam. Eram imprescindíveis mestres e realizadores de seu ofício, eram verdadeiros artistas, pois com extrema habilidade manual transformavam tecidos em peças de arte, nos mais variados tipos físicos em trabalho personalizado. Hoje restou aos alfaiates fazerem as reformas das roupas industrializadas.

No tempo dos alfaiates não havia vilas ou cidade que não tivesse um atelier de costura ou simplesmente uma alfaiataria que costure roupas sob medidas. A alfaiataria era um centro. Notícias iam e vinham com os clientes. O atelier era ponto de encontro, um jornal de viva- voz. Os alfaiates não fazem a história que querem, mas a que socialmente é necessário.

## CAPÍTULO II - MEMÓRIAS DE UM ALFAIATE

(...)as biografias e autobiografias são textos “referenciais” (em oposição a todas as formas de ficção, que aderem por completo ao pacto romanescos), pois se propõem a fornecer informações sobre certa realidade externa ao texto e se submetem a uma “prova de verificação”, como no discurso científico ou histórico...(NETO, 2012. P. 167)

Sou filho mais velho de dez filhos de Henrique Silvestre e Elisabeth Matilde Simon, nascido em 28 de setembro de 1947, na localidade denominada Ariranhazinha no município de Seara, Santa Catarina.

Aos sete anos minha família mudou-se para a comunidade de Nova Teutônia, no mesmo município de Seara, onde fui matriculado na escola reunidos isolada, que no futuro ia levar o nome da minha mãe, em saudosa memória, com o passar do tempo a comunidade foi crescendo e surgindo a necessidade de alguns serviços para suprir a necessidade do povo, algumas profissões já estavam consolidadas mas ainda faltava o alfaiate. Entre meus 12 e 14 anos, chegou na comunidade um alfaiate que se chamava Angelo de Cezaro que precisava de um lugar para trabalhar, como não tinha alguém desta profissão, logo veio se estabelecer como alfaiate. Meu pai teve a feliz ideia de conversar com o alfaiate para me ensinar aquela profissão, já que naquela época havia falta de pessoas que podiam exercer esta profissão na minha comunidade.

O alfaiate aceitou a proposta do meu pai e começou a ensinar a sua profissão, pela manhã estava na escola e no período da tarde estava na alfaiataria para começar a dar os primeiros passos na nova profissão, uma das primeiras funções era passar roupa com um ferro aquecido a carvão, as primeiras peças a serem costuradas foram calças e aprendi alguns segredos da profissão, infelizmente o alfaiate se mudou para o município de São Lourenço do Oeste. Meus pais queriam que eu fosse alfaiate pois perceberam que era algo que eu gostava muito de fazer, passado algum tempo entramos em contato com o mesmo para voltar às atividades desenvolvidas, pois já tinha terminado o primário e poderia morar em São Lourenço do Oeste.

O alfaiate Angelo concordou com a minha ida para a cidade, pois aquela cidade estava em crescimento, e eu precisava aprender mais sobre a profissão na qual eu queria ser e voltar para trabalhar como alfaiate em Nova Teutônia e que pudesse começar meu futuro por ali, mas o ditado, “santo de casa não faz milagre”, não deu certo aí eu comecei a trabalhar com outros alfaiates, primeiro trabalhei com um alfaiate chamado Hilário Canalle em Seara durante um ano. Em Chapecó trabalhei na alfaiataria Martinelli, uma das mais conceituadas da cidade, para aprimorar meu conhecimento sobre a profissão.

Em 1972 minha mãe ficou muito doente fazendo eu voltar para Nova Teotônia, para ajudar em casa, com o passar do tempo eu já não trabalhava na profissão por alguns motivos, meu pai tinha uma ligação muito próxima com o pessoal de Seara, à coordenadora escolar pediu para meu pai se ele tinha algum filho que pudesse ser professor em Arvoredo, quando chegou em casa foi logo me pedindo se eu queria ser professor em Arvoredo. Porque estava recém criado o Grupo a Escolar Benta Cardozo e que faltava pessoal para compor o quadro de professores. No primeiro momento falei para meu pai “ Pai eu ser professor” ?, ele respondeu com uma com uma sabedoria dele, tu pode exercer as duas profissões, professor e alfaiate. Acabei encontrando minha atual esposa na escola onde fui trabalhar. Além de professor e alfaiate, tocava em um conjunto com dois irmãos, o João e a Dirce e mais dois componentes e tocamos bailes em toda a região.

Antes de casar trabalhei em várias cidade como alfaiate sendo elas São Lourenço do Oeste, Seara, Nova Teutônia, Xanxerê, Chapecó e Erechim no Rio Grande do Sul. Com dezoito anos de idade fui selecionado para servir o Exército Brasileiro na cidade de Palmas no Estado do Paraná, em seguida transferido para Curitiba para exames técnicos no qual fui aprovado e encaminhado para o Rio de Janeiro para a Policia do Exercito (P.E), conheci a cidade maravilhosa e alguns pontos turísticos como o Corcovado, Pão de Açúcar e o Maracanã onde assisti um jogo entre Brasil e URSS, a seleção ganhou o jogo. Naquele jogo o Pelé foi como sempre a atração principal, eu estava com 18 anos na época, fui dispensado do exército por excesso de contingente, para minha infelicidade, e tive que retornar a minha antiga profissão, a qual eu havia iniciado.

Um dos meus sonhos era poder assistir meus dois times do coração, o Grêmio e o Santos, na inauguração do estádio do Colosso da Lagoa, em Erechim, no Rio Grande do Sul. Na rádio Tupi foi realizado um concurso o qual se perguntava o local onde o Pelé marcou seu gol de número 1010, a justificativa para o concurso do gol 1010 do Rei Pelé era em função do número da frequência da rádio Tupi e foi marcado na cidade de Erechim, na inauguração do estádio, porém não ganhei este concurso. Durante esta minha vida viajei um pouco pelo mundo, e passei por diversas profissões, inúmeras. Mas como diz o ditado, se tentar pode errar ou acertar, mas se nem tentar você já errou, e assim ocorreu durante toda minha trajetória.

Trabalhei por um determinado tempo em Seara, como alfaiate, e na data de 29 de setembro de 1973 casei com minha atual esposa Irene Maria, dessa união nasceu nosso primeiro filho em 24 de março de 1974, Cedenir Alberto. Após trabalhar em Seara decidi me transferir para Arvoredo, que hoje é município, também na profissão de alfaiate, e após um tempo comecei na empresa Giachini e Grosbelli, a qual meu sogro era sócio, porém ao mesmo tempo que trabalhava na empresa, nos tempos livres produzia roupas por conta própria para aumentar a renda. Trabalhando nesta empresa nos serviços de carregamento de porcos, milho, feijão, soja, entre outros produtos, também passei a trabalhar na serralta como foguista na mesma firma, e também íamos buscar toras

para fazer tábuas. Com o passar do tempo, o senhor Nelson Barionevo me pediu para conduzir seu bar, junto com minha esposa, e nos ofereceu um lugar para morar junto ao estabelecimento. Conseguimos arrecadar bastante dinheiro com o bar, e ainda sobrava-me tempo para trabalhar como alfaiate autônomo, muitas vezes trabalhamos até altas horas da noite. Após um tempo vendi o bar, mas apenas o estoque que havia, pois a estrutura era do seu Nelson, e continuei em Arvoredo trabalhando como alfaiate.

Houve uma mudança nas coisas, abriu uma vaga no Cartório de Registro Civil, entrei em contato com o oficial, e como ele estava afastado do cargo e cuidando de outros negócios, resolvi então me transferir para aquela comunidade, onde exerci a função de Escrivão, como escrevente juramentado, porém continuei na profissão de alfaiataria, como autônomo, onde na época era distrito, e hoje é município de Paial.

Tudo estava indo bem na comunidade, estavam me aceitando bem, fui membro da igreja católica, presidente da Associação de Pais e Professores (A.P.P.), e também fui presidente do conselho comunitário. Morando em Paial já tínhamos nossos filhos Cedenir Alberto e Marcos Roberto, e chegou ao mundo nosso terceiro filho Julio Cezar. Apareceu em minha residência numa manhã de um domingo o senhor Paulo Soares com seu filho Mário, dizendo que o mesmo precisava casar com a filha de José Soares, por ter tido relações com ela, o pai da moça queria que fossem se casar no mesmo dia, eu alertei e argumentei que não poderia ser realizado que deveriam respeitar a lei, porém o mesmo disse que hoje a lei seria ele, e não tive outra alternativa, realizei o casamento. Alguns dias depois fui intimado a comparecer para dar explicações ao juiz sobre o fato, pois o pai do suposto noivo havia prestado queixa na delegacia, e acabei perdendo o cartório.

Assim fui me aventurar na roça, arrumei uma área de terra para trabalhar e conseguir sustentar a minha família, foram dias difíceis, com poucos recursos, morar no rancho, filhos que precisavam de estudos, naquela área de terra ficamos três anos, depois desses três anos meu cunhado ofereceu para morar e trabalhar nas terras de seu pai na comunidade da Linha Salete no município de Xanxerê, para cuidar da terra e de alguns animais que estavam na propriedade.

Nessas terras ficamos por mais três anos, mas as condições de vida estavam cada dia mais difíceis, os filhos precisavam estudar, o mais velho trabalhava durante o dia para se manter e estudava a noite. Já o segundo morava com meu sogro em Arvoredo por ter mais condições. A vida foi melhorando mas faltava algo que pudesse dar sentido a nossa vida e família.

A vida é uma caixinha de surpresas mesmo, um telefonema de Chapecó do Senhor Arcyde Antônio Martinelli alfaiate da cidade de Chapecó, perguntando se eu queria trabalhar com ele, sem pensar duas vezes eu aceitei, falei com meu cunhado que eu iria sair, e que iria para Chapecó trabalhar na minha profissão, assim teria meus filhos mais perto também. Me mudei em 27 de julho de 1990, demorou quase um mês para fazer a mudança e deixar tudo em ordem, comecei a trabalhar

na alfaiataria dia 01 de agosto de 1990.

Quando cheguei em Chapecó e iniciei meus trabalhos novamente na profissão de alfaiate, profissão esta que meu pai escolheu para eu exercer e que eu aceitei com prazer, minha vida melhorou, alugamos uma casa e os filhos foram estudar. Trabalhando novamente com o meu mestre, pois eu já tinha trabalhado com o Martinelli como aprendiz e agora voltava a trabalhar com ele como alfaiate profissional, o que significava que eu já tinha passado pelos outros níveis de aprendizagem da profissão.

Trabalhando com Martinelli, me aperfeiçoei cada vez mais e conheci muitas pessoas que faziam parte da elite chapecoense. Pois aquele espaço que se fazia roupas, também servia como um ponto de encontro de pessoas influentes e políticos da cidade, existia uma roda de chimarrão, onde essas pessoas conversavam sobre tudo que acontecia na cidade. Eu chegava uma hora antes do meu horário para participar desse momento de conversa. Esta roda de chimarrão continuou acontecendo por mais de 50 anos e após a morte do alfaiate Martinelli ela acontecia em outro espaço.

Minha vida sempre foi cheia de altos e baixos, tive muitas profissões, até mesmo dono de bar eu fui. Porém a profissão de alfaiate nunca foi abandonada, eu sempre exerci ela paralelo às outras. No ano de 2000 passei a ser funcionário público exercendo a princípio a função de serviços gerais e depois passei a ser vigia, mas também fazia trabalhos de alfaiate. Neste trabalho encerrei as minhas atividades no ano de 2017, consegui alcançar a tão sonhada aposentadoria.

Antes de me aposentar consegui entrar na Universidade Federal Fronteira Sul, no ano de 2013, este posso dizer foi o meu grande feito, pois sempre sonhei em prosseguir com os meus estudos, porém quando eu era mais novo foi impossível continuar. Hoje estou adquirindo conhecimento e proporcionando orgulho à minha família. É com muito sacrifício que estou passando por esse processo de ensino-aprendizagem, contudo sei que vai valer a pena. Atualmente continuo trabalhando como alfaiate, morando em Chapecó .

Apesar de todos os tropeços da vida e minha profissão de alfaiate sofrendo muitas transformações ao longo do tempo, eu consegui construir uma família e criei filhos de caráter e com um bom estudo. Cedenir Alberto formado em história e mestre na mesma área, Marcos Roberto formado em Administração e Comércio Exterior e o Júlio César com o 2º grau completo e fez cursos técnicos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de alfaiate passou por transformações ao longo dos anos, desde os primórdios até os dias de hoje. Como vimos neste trabalho onde relatei a minha experiência como alfaiate, esta profissão que foi no seu início muito enaltecida e valorizada com o passar dos tempos se tornou banal e sem prestígios, por conta da transformação industrial. Hoje as pessoas preferem entrar em uma loja e saírem com o produto pronto, pois não tem a paciência de esperar por uma roupa feita exclusivamente para ela, por um profissional qualificado, pois a confecção desta roupa exige várias etapas para seu feitiço, como a escolha do tecido, tirar as medidas e provas.

Hoje a profissão de alfaiate está em fase de extinção, pois são poucos na cidade de Chapecó que ainda persistem em continuar nela, e quem está na profissão são pessoas, em sua maioria, de uma certa idade, não temos jovens interessados em exercer essa atividade. Podemos dizer que essa falta de interesse vem principalmente por ser uma profissão que hoje não proporciona uma renda que garanta o sustento. Pois é um trabalho manual na fabricação e sendo assim ela requer um empenho maior e conseqüentemente um preço mais elevado, onde a grande maioria das pessoas não querem pagar.

Apesar das mudanças desta profissão e dos desafios que ela me proporcionou ao longo dos anos, eu não escolheria outra, pois o prazer de fazer um bom trabalho e saber que o que está sendo feito é algo exclusivo para uma pessoa, não tem preço.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Juliana; SANTOS, Eloisa Helena. Alfaiataria: evolução histórica, publicações e metodologias de ensino. **Anais 130–Colóquio de Moda**. UNESP-Bauru–SP, 2017.

CASTRO, Paula Campos. **Ainda há espaço para alfaiates no mundo do 'pronto para vestir'?** (Dissertação do curso de Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte) Instituto de Arte e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2009.

FARGE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HOLLANDER, Anne. **O Sexo e as Roupas: A evolução do traje moderno**. Tradução: Alexandre TORT. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

NETO, Paulo Bungart. **O reconhecimento tardio de autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu exército de um homem só**. In: PINHEIRO, Alexandra Santos & NETO, Paulo Bungart (orgs.). Estudos Culturais e Contemporaneidades: Literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

PEREIRA Imaculada das Graças Maximiano. **A toga e suas significações: dos primórdios à contemporaneidade**. (Dissertação do Curso de Moda) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2010.

SALOMON, Marlon. **O Saber dos arquivos**. Goiânia – GO: Edições Ricochete, 2011.

SILVA, Maria Isabel. **Alfaiates Imprescindíveis**. Extensio- Revista Eletrônica de Extensão. Número 3, 2005.

VICENZI, Renilda. **Mito e História na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.